

## **O SENTIMENTO DE VERGONHA EM LUUANDA**

Francisco Topa (U. Porto) e Sofia Mota Freitas (U. Porto)

Eles deviam envergonhar-se porque praticaram coisas abomináveis, mas não se envergonham nem sabem o que é sentir vergonha. (Jr 6: 15)

1. O objetivo central desta comunicação consiste em ler *Luuanda* sob o tópico da vergonha. Mais do que observar a ocorrência da palavra e a descrição do sentimento, interessa-nos refletir sobre o modo como as personagens e as ações que praticam se definem em relação à vergonha e verificar que tipo(s) de vergonha revelam (ou não). Desse trabalho resultará, estamos em crer, um olhar um pouco diferente daquele que tem dominado a compreensão desta obra clássica cujo cinquentenário agora se assinala.

Para ilustrar a complexidade do tema e a antiguidade da reflexão sobre ele em língua portuguesa, partiremos de duas fontes, não da psicologia nem das outras ciências que se têm interessado pelo tema, mas de um tipo diferente: uma literária e outra lexicográfica.

A primeira corresponde a João de Barros e ao seu *Diálogo da viciosa vergonha*. Publicado em 1540, é um dos diálogos morais que o autor escreveu para acompanhar a sua *Gramática da língua portuguesa*. Baseado em Plutarco – através da mediação de Erasmo, como têm mostrado os especialistas<sup>1</sup> –, o diálogo aborda a vergonha criticável, a que também poderíamos chamar acanhamento ou timidez, procurando pedagogicamente fortalecer o ânimo dos jovens a que é dirigido. Apesar dessa restrição temática, João de Barros conceitua de forma mais lata a vergonha, dando-a como «hũa afeiçám generósa do animo que procede de honrra e humildáde com respeito de tres tempos» (f. 3r). O primeiro deles seria o de «hũa vergonha que tem respeito ao tempo passádo: aquál se gera da memória do pecádo cometido» (f. 3v). Quanto ao segundo, escreve: «Outra uerghonha á hi que corresponde á toruaçam e tempo presente: a quál se póde chamár filha da

---

<sup>1</sup> Cf. Ramalho, 1988 e Osório, 2003.

humildade: por que se gera quando alguém ouve cousas de seu louvor.» (*ibid.*). Por fim, aborda «A outra vergonha que é filha do temor: e tem respeito ao tempo futuro: e quando de palavras ou feitos desonestos per si ou per outrem cometidos, alguém teme que lhe pode sobreir dano de infamea ou reprensam.» (f. 4r). Concluindo esta apresentação, acrescenta o autor que estas três formas de vergonha eram designadas na cultura clássica por intermédio de vocábulos diferentes: *pudor*, *verecúndia* e *erubescência*.

Quase dois séculos depois, Raphael Bluteau define assim o vocábulo: «Affecto, que perturba a alma, & dá no rosto sinais desta perturbação, originada do desprezo, & infâmia, que resulta das más acções que se obrão.» Um pouco mais à frente, em registo metafórico, acrescenta: «Ella não he propriamente virtude, mas he a cor, & quasi a Aurora do Sol da virtude.» O rubor por ela causado merece ao frade teatino a seguinte interpretação: «Na cara do delinquente rubrica a vergonha com esta cor a pena interior do coração, como não pode justificar o delicto, com purpureo veio o occulta.» Tentando depois recuar às origens do sentimento, Bluteau refere naturalmente o episódio do Éden («A primeira paixão do mundo, depois do peccado, foi a vergonha, preambulo do arrependimento.») e uma fábula de Esopo (certamente a que costuma ser identificada pelo título «A obra de Zeus»), que sintetiza e interpreta de um modo menos habitual:

Fingio Esopo, que no corpo humano dera Jupiter a todas as paixões aposentadas separadas, excepto à vergonha, & que para remedio desta omissão, a misturara com todas, dando-nos a entender, que seu officio he acompanhar a todas, & sempre sahir com ellas, para as refrescar, & moderar, ou estranhar os seus excessos.

Bluteau tem ainda o cuidado de acrescentar que «A vergonha não só he de cousas mal feitas, mas tambem de defeitos naturais, como o ser deforme, ou de outras faltas, como de ser pobre, ou ignorante, &c.» Perante estas considerações, temos de reconhecer que o essencial daquilo que empiricamente associamos à vergonha está condensado no verbete do *Vocabulário portuguez, e latino*. O seu autor não fica contudo satisfeito com o resultado: retomando em parte a conclusão de João de Barros – ou dos autores em que este se baseou –, acrescenta uma segunda definição do sentimento, aplicada à palavra latina que está na origem da portuguesa: *verecundia*. No seu entender, este vocábulo seria necessário ao idioma luso, dado que o significado em causa não estaria coberto pelo termo português. A distinção entre os dois sentimentos consistiria no seguinte: «A *Verecundia*, & a *Vergonha* são dous affectos da alma, opposto à indecência, & à deshonra; mas a *Verecundia* he hum receyo da indecência, ou deshonra futura; & a

*Vergonha* he hũa dor de indecencia, ou deshonra presente, ou passada.». Interessante também é a tentativa de distinguir os efeitos físicos de cada um dos sentimentos:

Hũa, & outra fazem a cara vermelha, mas causa a *Verecundia* hũa purpura semelhante ao rosicré da madre perola, sangue florido, ou flor do sangue, & por isso tão presada; pelo contrario a purpura da vergonha se parece com a de outra concha, a que Plinio chama *Buccinum*, que lança hum licor vermelho, mas escuro, como de sangue corrupto, & por isso pouco estimado.

Bluteau acrescenta que a *verecundia* é «hũa perturbação do appetite irascível com medo nobre, & fidalgo, porque não foge de perigos honrados, mas de acçoens indecenes, ou infames, não se reconcentra no coração este medo, como o do cobarde, mas sóbe à cara, que he o theatro da honra», defendendo – na linha do que se lê em João de Barros – que «Ella he mais natural aos moços, que aos velhos porq na mocidade o sangue, como mais subtil que na velhice, acode mais depressa ao rosto».

Os dicionários contemporâneos são, naturalmente, mais precisos, distinguindo vergonha como sentimento de rebaixamento perante outrem, como sentimento de medo do ridículo e como consciência da própria dignidade. Os estudos que abordam este sentimento no campo da psicologia e da sociologia são também mais rigorosos. Considerada, como observa Victor Xavier, «um dos fatores que nos unifica enquanto espécie e, ao mesmo tempo, o que nos singulariza enquanto sujeitos» (2010, p. 14), a vergonha tem sido identificada como emoção ou sentimento que questiona quem somos ou pensamos ser, mais do que as ações que praticamos. Implica portanto uma reflexão do sujeito sobre si próprio e sobre o que os outros pensam dele. Outro aspeto que tem sido sublinhado é a dependência de uma exposição, efetiva ou imaginária, a outrem, a quem é atribuído o poder de julgar algo que é objeto de dúvida por parte do sujeito. Fazendo parte do processo de desenvolvimento do ser humano, a vergonha tem as suas raízes numa imagem ideal inconsciente, apresentando também uma clara dimensão social. Podendo ser honra e desonra, este sentimento mantém alguma proximidade da culpa, embora dela se afaste pelo facto de nesta o sujeito se confrontar com a lei e o desejo, ao passo que na vergonha o faz consigo mesmo (Xavier, 2010, p. 138). Por outro lado, como observa Ulisses Araújo (p. 3) citando Hultberg, a culpa reage a uma ação, ao passo que a vergonha se apresenta como reação a um modelo existencial.

2. Em *Luuanda*, o sentimento de vergonha – às vezes associado à culpa – manifesta-se em todas as três histórias, tanto pela presença quanto pela ausência, assumindo muitas das modalidades que foram brevemente apresentadas atrás.

2.1. Na primeira história, essa emoção surge associada a Zeca Santos. Na ausência do pai, preso por razões políticas, o jovem é chamado a assumir o papel de provedor da pequena família e falha por um duplo motivo: porque não consegue obter um emprego, em parte pela associação que dele fazem ao percurso do pai; porque a sua lista de prioridades não está de acordo com o perfil de uma figura desse tipo. O sentimento de vergonha pode assim surgir associado a uma chamada de atenção para esse desajuste, como acontece nesta intervenção de Vavó Xíxi:

– Sukua’! Então, você, menino, não tens mas é vergonha?... Ontem não te disse dinheiro ‘cabou? (Vieira, 2004, p. 18)

Apoiado no julgamento de um mais-velho, este discurso visa, não tanto um efeito de humilhação ou de rebaixamento, mas antes levar a personagem a um movimento de autorreflexão e, a partir daí, a uma mudança de comportamento que promova a sua identificação com um certo modelo pessoal e social. O comportamento de Zeca no decurso da intriga parece confirmar a interiorização desse ensinamento. Veja-se, por exemplo, a seguinte passagem, a seguir à conversa da personagem com a avó, que se propunha cozer uma espécie de «mandioca pequena» para matar a fome:

E foi nessa hora, com as coisas bem diante da cara, o sorriso de vavó cheio de amizade e tristeza, Zeca Santos sentiu uma vergonha antiga, uma vergonha que lhe fazia querer sempre as camisas coloridas, as calças como sô Jaime só quem sabia fazer, uma vergonha que não lhe deixava aceitar comida, como ainda nessa manhã (...) (p. 23).

Uma vergonha que a personagem não consegue processar, que precisa de um cojnetrapeso que a esconda e a torne suportável e que pode ter estranhas manifestações físicas e comportamentais, como o choro e o grito:

Nem Zeca Santos mesmo podia saber o que sucedeu: saltou, empurrou Vavó Xíxi e, sem pensar mais nada, antes que as lágrimas iam lhe nascer outra vez nos olhos, saiu a gritar, a falar com voz rouca, a repetir parecia era maluco (...) (p. 23).

A par desta conceção de vergonha, o conto inclui uma outra: a que está associada a uma tentativa de vexar e abater, de modo injusto, o sujeito, apontando-lhe supostas fal-

tas face a modelos sociais. Vêmo-la na atitude pseudopaternalista do comerciante Souto com o protagonista:

E a avó, vai bem? Diz ela não precisa ter vergonha... a conta é pequena, pode vir ainda cá... (p. 20)

E vêmo-la sobretudo na reação impetuosa de Delfina, interpretando de forma errada um gesto de Zeca:

Vagabundo, vadio, não tens vergonha! Chulo de sua avó, seu pele-e-osso!... (p. 44)

– Não tens vergonha, seu merda?! Estás magrinho parece és bordão de ximbicar! (*ibid.*)

De uma outra forma, podemos observar a dimensão social da vergonha em duas atitudes do protagonista: a vergonha de aceitar o convite de Maneco para almoçar, numa confirmação de um dos provérbios arrolados por Bluteau, «Quem tem vergonha, cahe de magro»; e a vergonha de revelar a Delfina e à avó que arranajara um emprego de estivador.

Fazendo um balanço sobre as manifestações da vergonha nesta primeira estória, conviria destacar três pontos. Em primeiro lugar, o facto de Zeca experimentar esse sentimento mais do que talvez fosse de esperar, atendendo à situação de vulnerabilidade em que se encontra, o que pode ser interpretado de duas maneiras: trata-se de uma forma de o autor sugerir que a vergonha não admite uma vivência de classe ou de raça, mas também pode ser, ao contrário, um modo de acentuar os traços que permaneceram da antiga condição social de Dona Cecília. Em segundo lugar, importa notar a carência desse sentimento noutras personagens: de um lado, as que exercem alguma forma de opressão sobre o protagonista; de outro, vavó Xíxi. No primeiro caso, trata-se de uma tendência que se mantém constante na obra e que acentua a crítica social que está subjacente. No segundo caso, o mais interessante, estamos perante um outro valor: a de alguém que atingiu o supremo bem, a liberdade, tal como Nietzsche a define no aforismo 275 do livro III de *A gaia ciência*: «Qual o emblema da liberdade alcançada? – Não mais envergonhar-se de si mesmo.» (*apud* Santos, 2009, p. 85). Vavó Xíxi terá, nesta leitura, chegado ao «estado daquele que não se envergonha de si, ou que, em outras palavras, se afirma ao afirmar suas inclinações, que se permite a entrega à sua própria natureza, que em si coincidam impulsos e escolhas, valores e virtudes» (*ibid.*, p. 91). Aceitando esta

leitura, podemos ver o final como um novo começo, em que Xíxi e Zeca – nomes cujas iniciais constituem as últimas letras do alfabeto latino –, num mundo pós-Éden, mas também pós-culpa, se têm um ao outro e isso lhes basta. Haverá talvez aqui alguma analogia com *O Guarani* de Alencar: embora este não seja um casal do mesmo tipo, as idades extremas de cada um dos seus membros parecem conter a mesma ideia de totalidade, de ómega e alfa. Além disso, Xíxi é também diminutivo de *Cecília* e está muito próximo de *Ceci*.

**2.2.** Na «Estória do ladrão e do papagaio», diegeticamente mais complexa e com um maior número de personagens, o sentimento de vergonha apresenta-se de um modo mais complicado, estando por vezes associado à culpa.

A manifestação mais evidente, até porque mais reiterada, ocorre com Garrido, desconfortável com o seu defeito físico e com as limitações que lhe causa, sobretudo perante os outros: face às mulheres e, em particular, Inácia; e face aos seus companheiros de pequenos delitos. Paralisante, este sentimento decorre da interiorização do juízo alheio, segundo o qual uma particularidade física equivale a uma falha que afasta da esfera da normalidade aquele que a apresenta. O facto de um papagaio ser o difusor dessa sentença parece constituir uma crítica ao carácter alienante das ideias feitas. À margem da margem, Garrido não é só vítima; é também, por várias vezes, uma espécie de espelho em que outras personagens esbarram e são forçadas a questionar-se. É o que acontece com Inácia, com Via-Rápida e, de maneira diferente, com Lomelino.

No caso de Inácia, Luandino Vieira sugere, com grande finura, aquilo que não é apenas um sentimento de ambivalência da parte da jovem, um sentimento entre o desprezo e a compaixão, o ódio e a ternura. Na verdade, mais do que isso, é uma vergonha em génese e que não chega verdadeiramente a completar-se, dado que o processo de tomada de consciência é interrompido pela raiva. Veja-se a seguinte passagem:

Uns olhos de cão batido miravam-lhe lá no fundo da cara dele, lisa, da barba feita com cuidado, parecia era monandengue. E esses olhos assim ainda raivavam mais Inácia, faziam-lhe sentir o rapaz era mais melhor que ela, mesmo que estava com aquelas manias de menino que não dormiu com mulher, não sabe nada da vida, pensa pode-se viver é de palavras de amor. (p. 80)

E ainda esta:

Sentiu, nessa hora, vergonha das palavras que tinha-lhe falado, mas não queria ainda desculpar, senão o rapaz ia pensar tinha-lhe convencido. (p. 81)

Também complexo é o caso de Via-Rápida, uma personagem sob a influência de uma culpa que os anos não permitiram ultrapassar: agulheiro de profissão, tinha cometido um erro – a influência do álcool é vagamente insinuada – que fizera com que um comboio colhesse mortalmente o jovem Félix. Refugiando-se agora na liamba e na bebida, João reage com uma inusitada violência contra Garrido e a sua participação no plano de roubo dos patos. Embora o narrador sugira a certa altura a sobreposição de Félix na figura de Garrido («E João Miguel via nascer na frente dele, outra vez, o Félix.», p. 100), fica a convicção de que Kam'tuta funciona de novo como espelho em que o agressor se vê refletido e, incapaz de sentir vergonha, se vê bloqueado pela incapacidade de mudar. No caso desta personagem, a vergonha acaba por chegar, mas de forma inesperada – com o pedido de DosReis para deixar Garrido em paz:

Foi um soco no João, a voz assim a pedir, de DosReis, doeu mais que tudo, um mais-velho como ele não pedia, mandava. A vergonha veio mais depressa, o sangue-frio fugiu todo, a voz rouca um pouco, do Lomelino, é que abaixou o braço, os olhos, todo o grande corpo do João. (p. 103)

Neste caso, a exposição a outrem resulta no confronto com uma desordem que o sujeito não pode aceitar: a força tornada fraqueza, um estatuto superior tornado humildade, em lugar de levarem Via-Rápida a sentir-se nobilitado, forçam-no a retomar a consciência e a sentir vergonha, provavelmente de todo o seu comportamento na cena em causa.

Quanto a DosReis, Garrido funciona como a prova de um erro – a delação falsa –, de que ele se arrepende e se envergonha, o que gera efeitos aparentemente contraditórios. Por um lado,

Parecia o vento sacudia-lhe na voz e batia as folhas na garganta, tão tremida estava sair embora. Os olhos agora eram os velhos olhos de Lomelino, mas cheios de água de vergonha no meio do escuro do refeitório. (p. 67)

Por outro:

- Estás rir de quê então, compadre Dosreis?
- De vergonha, mano, de vergonha! (p. 68)

A vergonha de Lomelino só desaparece perante Xico Futa, numa ilustração de um dos princípios que a psicologia tem salientado: dependendo de uma exposição – que pode ser apenas imaginária – a outrem, a vergonha desaparece perante um igual, alguém que não questione o sujeito nem o seu modelo existencial:

Com Xico Futa, seu amigo, era diferente, podia falar de igual, profissão era a mesma, cubata era vizinha, fome de um era fome do outro, e só ele mesmo é que podia lhe tirar essa vergonha que estava crescer. (p. 67)

O confronto com a realidade – neste caso o confronto direto com a vítima do falso testemunho – é contudo mais forte, ao ponto de impedir a ingestão de comida, como nota o narrador de forma muito expressiva:

Xico Futa começou logo comer, pôs o peixe no pão, roía-lhe com os dentes fortes. Mas DosReis não podia: olhava na comida, a cabeça abaixada, a vergonha que estava sentir quando entrou e viu os olhos do Garrido, era mais grande nessa hora com a comida de Mília na frente. (p. 119)

O balanço que é possível fazer sobre esta segunda estória passa pelo reconhecimento de que todas as personagens podem melhorar. A exceção é Inácia, submetida à influência da viúva de sô Ruas.

**2.3.** Na terceira estória, o sentimento de vergonha surge bastante esbatido, dado que as várias personagens que vão entrando em cena são incapazes de se julgarem a si mesmas ou de verem no seu comportamento qualquer falha relativamente a valores morais integrados num código de conduta social. Se em alguns casos essa falta de vergonha está associada a uma certa forma de poder e de ascendente social (em sô Zé, sô Vitalino e no Sargento), noutros casos parece servir para tentar compensar ou reverter uma inferiorização. É o que acontece com sô Lemos, que, perdido o estatuto de antigo ajudante de notário e arrostando uma doença incapacitante, é obrigado a ignorar que vive dos serviços sexuais realizados pela sua companheira e tem de enfrentar a toda a hora as provocações dos *ganjésteres*. Situação parecida é a de Zefa, que só no momento final percebe (ou reconhece) que a propriedade é um problema e que a solução consiste na sua anulação, na partilha. A lição que se extrai desta espécie de fábula é de teor duplo: político e moral. Por um lado, mostra-se que a aceitação de um valor como a propriedade, vindo de fora, só pode conduzir à injustiça e à exploração – representadas por homens como sô Zé, sô Vitalino, Vintecinco linhas, o Sargento. Mas, por outro, sugere-se

também que a saída não está na voz da tradição, representada noutro conjunto masculino, constituído por Miguel João (o marido que faz ver a Zefa que «A senhora está concebida então, homem dela preso e você ainda quer pelear!», p. 127), Vavó Petelu (que ensinara aos netos a linguagem dos animais), Beto e Xico. A resposta para o problema tem de vir de dentro, ainda que mediada por outrem, neste caso Vavó Bebeca e a pergunta «– Posso, Zefa?...» (p. 152). A resposta afirmativa da interpelada tinha de vir acompanhada do sentimento de vergonha: «Envergonhada ainda, a mãe de Beto não queria soltar o sorriso que rebentava na cara dela.» (p. 152). E o comentário que profere em seguida explica a verdadeira causa da disputa: «– É, sim, vavó! É a gravidez. Essas fomes, eu sei...» (p. 152). De facto, a disputa não tinha tanto a ver com um bem alimentar nem com um poder comum: tratava-se antes de uma espécie de competição com aquilo que Bina representa, isto é, a juventude e a capacidade de gerar, poder que Zefa talvez já tivesse perdido ou não gostasse de ver exibido por outrem.

3. Aqui chegados, resta sublinhar a importância da vergonha nesta obra de Luandino Vieira. Presente, de formas diferentes em cada uma das três histórias, numa paleta que ilustra a complexidade do sentimento e do conceito, já revelada por João de Barros e por Bluteau, mostra-nos também a natureza plural das personagens principais, em contraste com a sua condição social e com o tratamento marginalizante de que são objeto. A sua ausência nas figuras que representam o poder não ilustra apenas outro dos provérbios arrolados por Bluteau: «Quem não tem vergonha, todo o mundo é seu». Mais do que isso, sugere que o direito positivo anda frequentemente afastado do direito natural e que um dos caminhos possíveis consiste em voltar atrás, ao colo da avó, ao feijão de Mília, ao ovo. O outro caminho é o de Cabíri que Sérgio Godinho parecia evocar no final do seu «Porto, Porto», do álbum *Pré-histórias*, de 1972:

Dizem que os pintos não voam  
este voou sobre as casas  
os que não voam não querem  
ou lhes cortaram as asas

## **Bibliografia**

ARAÚJO, Ulisses F. – “*Conto de escola*”: o sentimento de vergonha como um regulador moral. São Paulo, Moderna, 1999.

ARAÚJO, Ulisses F. – *O sentimento da vergonha como regulador moral*. Em linha. Disponível em <<http://www.uspleste.usp.br/uliarau/textos/artvertentes.pdf>> [Consult. 26-X-2014].

BARROS, João de – *Dialogo da uiciosa Vergonha*. Lisboa: Luys Rodriguez, 1540.

BLUTEAU, Rafael – *Vocabulario Portuguez e Latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos...* 10 vols.. Coimbra / Lisboa: Colégio das Artes / Pascoal da Sylva / Joseph Antonio da Sylva / Patriarcal Officina da Musica, 1712-1728.

COSTA Carla Filomena César Dias da – *As emoções morais: a vergonha, a culpa, e as bases motivacionais do ser humano*. Dissertação de mestrado em Psicologia. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, 2008.

DARWIN, Charles – *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Lisboa: Relógio d'água, 2006.

DE LA TAILLE, Yves – *Vergonha: a ferida moral*. Petrópolis: Vozes, 2002.

FERNANDES, Cid Merlino – *Vergonha: a revelação da catástrofe narcísica: para uma compreensão da clínica contemporânea*. Tese de doutoramento. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006.

OSÓRIO, Jorge A. – Plutarco revisitado por João de Barros. *Ágora. Estudos clássicos em debate*. Aveiro. 3 (2001), pp. 139-155.

RAMALHO, Américo da Costa – «João de Barros e Erasmo: a propósito da *Viciosa vergonha*». In *Para a história do Humanismo em Portugal*. Vol. I. Coimbra: INIC, 1988.

SANTOS, Óscar Augusto Rocha – Sobre vergonha e liberdade em Nietzsche. *Metanóia*. São João del Rei. 11 (2009), pp. 81-92.

SIMÕES, Maria da Conceição da Fonseca – *A vergonha*. Dissertação para conclusão de mestrado em Psicoterapia e Psicologia Clínica. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 1996.

VIEIRA, José Luandino – *Luuanda*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.

XAVIER, Victor de Paula – *O sentimento de vergonha na Psicanálise: uma abordagem metapsicológica*. Dissertação de mestrado em Psicologia. Belo Horizonte: Faculdade de Psicologia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.